



As Diferenças entre as Gerações para travar o Jihad

Sharon Curcio, Oficial Especialista, Reserva do Exército dos EUA

DE NOVEMBRO de 2003 a julho de 2004, eu li mais de 600 narrativas de prisioneiros detidos na Baía de Guantánamo, Cuba. Embora as informações que apresento sejam baseadas em relatos pessoais, cheguei a uma breve conclusão sobre as experiências dos jovens (quase todos entre 18 a 25 anos) de vários países que foram recrutados para lutar pelo Islã e apoiar o Talibã no Afeganistão.

Muitos desses jovens detentos na prisão militar dos EUA na Baía de Guantánamo, relatam vívidas narrativas mencionando: “— eles nunca me disseram nada sobre isso.” Eles descrevem o que lhes ocorreu depois que saíram de suas casas para treinar nos campos militares dos jihadistas e terroristas no Afeganistão. Muitos esperavam participar do jihad na Chechênia; poucos esperavam travar o jihad no Afeganistão. Para muitos dos jovens enviados aos campos de treinamento no Afeganistão, o inesperado chegou a ser normal. Sua tarefa diária era ajudar pessoas que mal conheciam — os talibãs afegãos — e trabalhar com mulçumanos, situação que muito os incomodava. Em vez de se tornarem mártires, os homens jovens foram capturados e aprisionados. Não foram preparados para estas situações impensáveis. Na verdade, o corão menciona muito pouco sobre aprisionamento quando trabalhando para Allá. Esses jovens deixaram suas casas para irem a um campo de adestramento no Afeganistão e foram lançados inesperadamente em um jihad. Analisando suas estórias, eu percebi muita discrepância entre o que eles esperavam fazer com um pouco de adestramento militar e o que realmente ocorreu.

Excetuando-se os guarda-costas ideologicamente extremistas de Osama bin-Laden, os jovens detentos

em Guantánamo contam que foram desagradavelmente surpreendidos pelos eventos. Muitos dos recrutas tinham deixado vidas confortáveis nos países árabes do Golfo Pérsico, na Arábia Saudita ou na Europa Ocidental. Suas viagens, treinamentos e experiências de combate os conduziram para um encontro com o improvável. Mais tarde, apenas uns poucos admitiriam que essa experiência tivesse sido dolorosa.

Por que participar do Jihad?

Muitos desses jovens foram motivados a sair de seus lares e ir para o Afeganistão, a Chechênia ou a Palestina devido às palavras e a influência dos imãs e recrutadores nas suas mesquitas locais. A chamada para participar do jihad é sedutora para os jovens porque funciona como um ritual de passagem para se tornar um homem e prova uma devoção ao Islã, a religião dos seus antepassados. Seja qual fosse a necessidade de uma pessoa, os imãs foram rápidos para oferecer o jihad como a panacéia para os jovens perdidos, marginalizados ou em busca de algo melhor. Os recrutadores usavam exhibições visuais de muçulmanos perseguidos e rotineiramente exibiram aos jovens filmes que mostravam mulheres e crianças sofrendo nos campos de refugiados na Chechênia e na Palestina. Ao utilizar múltiplos meios de persuasão, de palestras até anúncios, eles motivaram os jovens para irem para o Afeganistão.

Para cumprir as exigências de jihad, lhes foi dito que podiam —

- fazer a *zukat* (proporcionar doações de caridade para ajudar viúvas, órfãos e refugiados);
- ensinar o corão ou árabe;
- visitar um país-modelo de *sharia* (estrita forma de

vida regulada por leis islâmicas);

- cumprir o dever de um homem muçulmano, aprendendo a empregar armas para proteger a família e
- auxiliar os irmãos muçulmanos a lutarem contra os opressores ocidentais para extinguir a corrupção que ameaça o Islã em todos os lugares.

Também havia outras razões, até mais verdadeiras, que motivaram os jovens para saírem de casa:

- desemprego;
- falência de negócios;
- fracasso na educação superior;
- abuso de substâncias que viciam;
- antecedentes penais com iminente encarceramento e
- desacordos com membros da família.

Muitos dos detidos dos países do Golfo Pérsico, particularmente os jovens trabalhadores sem especialização técnica ou os semi-especializados, decidiram ir para os campos de treinamento porque estavam desempregados. Eles viram o jihad como um “emprego alternativo.” As organizações não-governamentais freqüentemente contratavam jovens para trabalhar nos depósitos e nas áreas de distribuição de materiais de assistência tais como alimentos ou cobertores à população local, por isso, a chamada para cumprir o serviço do jihad lhes parecia semelhante.

Em compensação, os jovens e educados saudistas que saíram de suas casas para cumprir o jihad foram motivados pelo desejo de descobrir suas identidades e experimentar um desafio. Ir ao Afeganistão para observar o modelo de um verdadeiro país islâmico era uma jornada digna para um jovem devoto. Para os idealistas, o jihad era a chance de unir as vidas espiritual e física; para outros era a chance de provar sua masculinidade e, ainda para outros, oferecia alívio temporário da pobreza ou dos problemas do abuso de drogas. Saíam por muitos motivos: os ricos e os pobres, os religiosos e os políticos; todos buscando uma identidade, procurando trabalho ou tentando salvarem-se de si mesmos.

O Recrutamento antes dos Atentados de 11 de Setembro

O ano de 2000 constituiu-se em um treinamento em comparação ao de 2001, ano de recordes para o recrutamento de jovens para o jihad. Intenso recrutamento, com imãs e recrutadores atarefados na missão de enviar os jovens para o jihad. Muitos jovens ficaram sabendo do adestramento por meio do rádio. Infelizmente, o conteúdo das mensagens, a freqüência com que eram divulgadas ou até mesmo as estações que transmitiram os apelos para o recrutamento continuam desconhecidos. Os jovens foram também recrutados por oradores convidados nas mesquitas locais. Alguns dos detentos mencionaram a experiência de ser recrutado durante o *haj*, peregrinação a Mecca, com duração de uma semana, incluindo atividades

religiosas. A idéia de serem voluntários para o jihad foi introduzida no contexto de uma peregrinação religiosa. O *haj* foi usado por mais de um recrutador esperto para enviar um jovem à sua próxima peregrinação — a famosa “guerra santa” no Afeganistão.

Vários interrogadores perguntaram aos detentos se já tinham saído de casa antes do jihad. Alguns dos saudistas mais abastados haviam viajado de férias para outros países. Um jovem saudista disse que teve permissão (só uma vez) para ir às compras em Bahrein. Embora fosse impreciso dizer que todos os jovens tivessem pouca experiência de viagem, a maioria dos detentos dos países do Golfo Pérsico e da Arábia Saudita não tinha viajado muito. Alguns poucos iemenitas podiam bancar tais viagens.

[A] tarefa diária [dos jovens] era ajudar pessoas que mal conheciam — os talibãs afegãos — e trabalhar com muçulmanos, situação que muito os incomodava. Em vez de se tornarem mártires, os homens jovens foram capturados e aprisionados. Não foram preparados para estas situações impensáveis. Na verdade, o corão muito pouco menciona sobre aprisionamento quando trabalhando para Allá.

Os mediadores. Não era fácil conseguir que os jovens dos países do Golfo Pérsico ou da Arábia Saudita saíssem para o treinamento. Aqui vêm os “mediadores” — uma rede de muçulmanos peritos em impulsionar a missão do jihad. Embora os recrutas da Europa e do norte da África pudessem viajar sozinhos, os jovens dos países do Golfo Pérsico e da Arábia Saudita precisavam da ajuda dos mediadores.

Os mediadores se certificavam de que os jovens se encontrariam com as pessoas certas e nos lugares designados, para serem transportados aos seus destinos de adestramento. Um fato interessante é que muitos dos jovens informaram que os mediadores os interceptaram nos aeroportos e hotéis. Alguns mediadores até conduziram os recrutas aos locais específicos; outros simplesmente se encontraram com os recrutas e viajaram com eles somente uma parte da jornada. Pode-se inferir que a rede de mediadores que guiou os detentos ao Afeganistão estava bem organizada e financiada pelo fato de nenhum dos jovens ter relatado nenhum desencontro com um mediador ou contato local durante sua viagem para um campo de adestramento.

Perda de identidade. Freqüentemente, no processo de

O Acampamento de Adestramento Terrorista Al-Badr Oeste: Danos Severos

Antes do Ataque



Depois do Ataque



Departamento de Defesa

recrutamento para o jihad, era necessário obter um nome falso, ou *kunya*. Embora os detidos não escolhessem um *kunya* no início das viagens, muitos tinham selecionado um nome ao atingirem a última casa de segurança antes de chegarem ao campo de adestramento. Supostamente, o novo nome dava ao recruta um pouco de segurança, protegendo-lhe a identidade e a de sua família. O Talibã prendia qualquer pessoa suspeita de ser espião e a Al-Qaeda estava vigilante na procura de espiões, por isso os recrutas voluntariamente escolheram um nome temporário durante a viagem, o adestramento ou a missão.

Depois de adotarem uma nova identidade, os novos recrutas entregaram seus passaportes ou cartões de identidade nacional que os ligavam às suas vidas antigas. Eles entregaram esses documentos às pessoas designadas em uma das últimas casas de segurança antes de chegarem ao campo de adestramento. Parecia que os recrutas não se preocupavam com isso, acreditando que era melhor entregar os documentos do que perdê-los. Eles também acreditaram que receberiam de volta os documentos depois do jihad. Os mediadores estabeleceram contas fiduciárias para os passaportes e as outras formas de identificação. Os recrutas nunca duvidaram que os

passaportes e os cartões de identificação permaneceriam onde foram depositados.

Aspecto negativo dos campos. As instalações de adestramento no Afeganistão foram organizadas segundo os idiomas específicos, considerando os grupos lingüísticos, porque o uso de uma língua comum acelera o processo de aprendizagem. A Al-Qaeda treinou os árabes; os líbios treinaram os norte-africanos; os uzbeques treinaram outros uzbeques e os tajiques.

Nenhum dos campos de adestramento tinha instalações médicas. Os detentos que haviam deixado os sistemas de saúde da Europa Ocidental ou da Arábia Saudita ficaram doentes no primeiro mês no campo. Às vezes, uma enfermidade podia durar por meses; contudo, as narrativas dos detidos não mencionam “doenças em massa,” embora a malária e a disenteria afetassem muitos deles. Os recrutas dos países do Golfo Pérsico e da Arábia Saudita relataram doenças prolongadas e debilitantes que impediam que finalizassem seu adestramento, deixando-os incapacitados para o combate. Poucos disseram que saíram do campo de adestramento e foram sozinhos à fronteira do Paquistão para procurar tratamento médico porque acreditavam que o Paquistão, ao contrário do Afeganistão, oferecia bons

médicos e instalações médicas. Alguns tentaram voltar aos países natais para tratamento. Outros afirmam que, quando ficaram severamente doentes no acampamento, foram removidos para casas de segurança ou hospitais. Os campos podiam somente enfaixar um ferimento, pois não tinham outro recurso médico. Os detentos rapidamente perceberam que os praticantes de medicina no acampamento não eram médicos de verdade. Os doentes tiveram bastante iniciativa para escapar do acampamento, com o propósito de procurar assistência médica.

Antes de as tropas dos EUA serem desdobradas para o além mar, elas recebem várias imunizações. Acho estranho os recrutadores do jihad permitirem que os jovens saíssem para um destino longínquo sem receberem vacinas contra as doenças comuns, tais como a malária, a febre amarela e o tétano. Os detentos mais velhos, que tinham servido em uma organização militar estabelecida (por exemplo, a Síria ou o Egito) receberam tratamento médico por meio de sua respectiva força armada. Por que uma organização tão sofisticada como a Al-Qaeda enviaria recrutas sem serem vacinados para um país como o Afeganistão, onde a água potável é duvidosa e o saneamento é precário?

A organização Al-Qaeda gosta muito da tecnologia ocidental para empregar explosivos plásticos, mas parece evitar os aspectos médicos na preparação para a guerra. A Al-Qaeda também sabia dos possíveis riscos à saúde que seus recrutas seriam expostos, mas se recusou a informá-los. A organização gastaria dinheiro com passagens aéreas, reservas nos hotéis, viagens terrestres e sistemas de comunicações para levar os recrutas às casas de segurança e aos campos de adestramento. Porém arriscou — e perdeu — uma grande quantidade de tropas e horas de trabalho quando os recrutas ficaram doentes.

Talvez a Al-Qaeda não empregasse a tecnologia médica disponível para proteger os recrutas porque vencer o jihad significa utilizar uma gigantesca massa de manobra humana. Doutrinariamente no Islã, aqueles que morrem pela causa do jihad se tornam mártires e, assim, recebem recompensas eternas. Portanto, a Al-Qaeda contava com a permissão religiosa para lançar um grande número de homens na luta — quanto mais, melhor. A vontade de Allá determinaria quem superaria a doença e quem sucumbiria.

As conseqüências das doenças. Vinte e cinco por cento dos homens nos campos de adestramento afirmaram que estiveram doentes durante meses. Devido à Al-Qaeda ter negligenciado os cuidados médicos de uma operação militar, o seu poder de combate era bem menor que o sugerido pela quantidade numérica de recrutas. As doenças reduziram dramaticamente a capacidade da Al-Qaeda para apoiar o Talibã a deter a Aliança do Norte.

Alguns dos jovens detentos guardavam horríveis lembranças das doenças sofridas. Muitos se sentiam

esgotados e vulneráveis. A principal comida do acampamento era mingau, uma dieta insuficiente para melhorar a saúde e, mesmo assim, a expectativa era de que os homens participassem de um árduo condicionamento físico. O desgaste físico e a subnutrição, sem dúvida, reduziram sua imunidade deixando-os mais predispostos a sucumbir às doenças. De 10 a 15 detidos lembravam-se de terem sido presos em um hospital no Paquistão ou no Afeganistão. Muitos não lembravam como chegaram até esses locais. Alguns recordavam que uma pessoa da área os levava. Além disso, muitos não sabiam quanto tempo haviam ficado no hospital. Mais tarde, quando esses homens foram identificados no hospital como árabes ou combatentes estrangeiros, as autoridades do Paquistão ou da Aliança do Norte os prenderam rapidamente e os entregaram às forças dos EUA.

Doutrinariamente no Islã, aqueles que morrem pela causa do jihad se tornam mártires e, assim, recebem recompensas eternas. Portanto, a Al-Qaeda contava com a permissão religiosa para lançar um grande número de homens na luta — quanto mais, melhor. A vontade de Allá determinaria quem superaria a doença e quem sucumbiria.

Os EUA “Nada” Farão

Os ataques de onze de setembro de 2001 ocorreram enquanto os recrutas se reuniram no Afeganistão para apoiar o Talibã contra as forças da Aliança do Norte. Ainda alguns recrutas estavam nos campos de adestramento; outros se encontravam nas frentes, mas não participavam muito nos combates. Mesmo assim, todos se sentiam como parte de algo bem maior. Quando as notícias de onze de setembro chegaram aos jovens, eles rotineiramente perguntavam aos mais velhos e experientes treinadores ou mujahideen, o que ocorreria depois. A resposta universal foi “nada”. Por isso, os recrutas não se preocupavam de uma calamidade pós-onze de setembro, embora muitos deles soubessem que o Talibã estava acolhendo o Bin-Laden, o qual transitava livremente pelos campos de treinamento. O consenso universal era que se seus irmãos islâmicos tivessem destruído um arranha-céu dos Estados Unidos, esse seria um bom dia para os muçulmanos em todos os lugares. Seus irmãos islâmicos tinham derrubado um símbolo do Oeste; Bin-Laden tinha vencido uma grande vitória e nada ruim aconteceria a um combatente estrangeiro no Afeganistão.

Contudo, por que os homens mais velhos não esperavam uma retaliação depois do ataque de onze de setembro? Porque não houve nenhuma retaliação significante

depois dos ataques terroristas no complexo de apartamentos Khobar Towers, em Dhahran, Arábia Saudita, nem no navio de guerra dos EUA, USS Cole, em Porto Aden, no Iêmen. Era razoável pensar que os EUA fariam, mais uma vez, muito pouco. Também, a Al-Qaeda não queria alertar os recrutas jovens que um maior e mais perigoso jogo recém tivesse começado.

Quer acreditassem que os EUA nada fariam, quer acreditassem que a Al-Qaeda era eficaz para manter seus recrutas calmos, “nada” era a resposta que muitos dos jovens aceitaram enquanto eles, ao lado dos antigos mujahideen soviéticos, dos bósnios e dos chechenos, aguardavam, com paciência, nas encostas das montanhas do Afeganistão para disparar contra a Aliança do Norte. Eles não esperavam interferência com a sua espera nem com o que eles planejavam fazer.

O mais surpreendente é que um número de jovens detidos já reformulou psicologicamente sua experiência no jihad. Eles agora têm novos parâmetros para se envolverem no jihad. Alguns disseram que se engajariam de novo no jihad, mas só para proteger sua terra natal. Outros declararam que nunca mais participariam do jihad, e ainda outros afirmam que já cumpriram suas obrigações com o Islã e não precisavam fazer mais.

Encontros com o Inesperado

Seis semanas depois do onze de setembro, os EUA começaram a bombardear os supostos locais da Al-Qaeda e outros campos de adestramento de combatentes islâmicos no Afeganistão. Nos meados de outubro de 2001, os recrutas da Europa, África, Ásia Central, Arábia Saudita e dos países do Golfo Pérsico estavam fugindo para salvar suas vidas. Um detento disse que quando olhou para cima e viu os aviões dos EUA, ele não quis mais lutar contra os americanos. Muitos sabiam que tinham se alistado para lutar contra a Aliança do Norte, mas não esperavam lutar contra os EUA.

Os homens mais idosos, que disseram que nada ia acontecer, agora estavam desesperados para abandonar o Afeganistão. Os recrutas árabes foram ordenados a deixar o Afeganistão tão logo quanto possível porque havia recompensa monetária pelas suas cabeças. Muitos recrutas procuravam refúgios nas montanhas Tora Bora, mas foram surpreendidos pelos bombardeios, sendo que muitos foram feridos pelos estilhaços das bombas, além de perderem membros depois de pisar em minas

terrestres. Muitos não estavam vestidos para o clima frio de Tora Bora nem estavam certos aonde iam viver nem encontrar abastecimentos. Alguns contrataram guias afegãos para lhes tirar das montanhas e passaram muitos dias andando na tentativa de chegar à fronteira. Eles formaram grupos pequenos e jogaram fora suas armas ao atravessar a fronteira com o Paquistão. Outros, que tinham sido feridos perto da fronteira, se lembraram de que um afegão local os transportou para um lugar para receberem tratamento médico. Vários se recordavam que tinham sido rodeados e traídos por paquistaneses que os venderam à Aliança do Norte. Alguns relataram que podiam ter comprado sua liberdade da Aliança do Norte, se tivessem dinheiro para pagar o preço exigido. Um grande número de recrutas admitiu que se tivessem sabido o que iriam enfrentar no jihad, não teriam entrado nessa luta, a não ser na defesa direta da sua terra natal.

Abandonados

Anunciar uma coisa e proporcionar outra diferente equivale a uma traição. Nos campos de adestramento do Afeganistão, nas grutas de Tora Bora e nas prisões do Paquistão, muitos dos jovens descobriram que tinham embarcado em uma jornada que realmente ninguém podia explicar. Os riscos foram intencionalmente omitidos para evitar o desencorajamento e as supostas recompensas não existiam.

Alguns árabes detidos disseram que depois da queda de Cabul, os residentes locais os advertiram para deixar o Afeganistão porque os combatentes estrangeiros estavam sendo perseguidos e capturados. Muitos dos detentos afirmaram que a falta de documentos, como passaportes, cartões de identidade ou outros documentos de viagem aumentou-lhes o temor de serem isolados, capturados ou abandonados em um lugar hostil. Um jovem detento comentou que quando chegou à hora de tirar os árabes com segurança do Afeganistão para levá-los para o Paquistão, “a Al-Qaeda tomou conta dos seus próprios homens”. Ele afirmou ainda que algumas das fugas pareciam melhor planejadas e executadas do que outras.

Um grupo de jovens detidos descreveu como eles sobreviveram à rebelião de Mazar-E-Sharif. Um deles foi baleado duas vezes, mas rastejou até o porão para se esconder. Sobreviveu a uma semana de explosões e inundações subterrâneas e emergiu vivo.

Quando o bombardeamento dos EUA forçou os combatentes árabes e estrangeiros a se dispersarem, o assunto de cartões de identidade nacional e passaportes surgiu novamente. Enquanto os jihadistas tentaram escapar pelas fronteiras dos países vizinhos, muitos se arrependeram de não ter os papéis oficiais na mão. A maioria sabia onde tinha deixado seus passaportes e cartões de identidade, mas não tinha esperança nenhuma de recolhê-los. Inicial-



Departamento de Defesa

Soldados das Forças Especiais dos EUA se reúnem com integrantes da Aliança do Norte, Afeganistão. (2002)

mente, eles pensaram que o fato de usarem um nome falso e não terem alguma forma de identificação dificultaria as tentativas das autoridades de provarem que eram árabes e prendê-los. Outros acreditavam que com um passaporte na mão, ganhariam apoio das suas respectivas embaixadas. Apesar disso, havia poucos passaportes e cartões de identidade falsificados. Os combatentes normais raramente possuíam documentos falsificados. A Al-Qaeda geralmente os obtinha, por um elevado custo, para os agentes secretos de alto nível. Para aqueles que tinham guardado seus papéis oficiais, até um passaporte ou um cartão de identidade não garantiria que fossem levados para as suas embaixadas, caso capturados. Além do mais, muitas das embaixadas no Paquistão nem tentaram localizar os cidadãos de seus próprios países.

Os arquivos oficiais dos EUA não indicam que o Governo da Arábia Saudita fizera qualquer tipo de requerimento especial aos EUA, Afeganistão ou Paquistão para obter acesso aos centros de detenção ou às prisões para identificar os cidadãos ou para libertá-los. Um representante da Arábia Saudita foi observado próximo a uma prisão perto de Candahar, no Afeganistão, mas não se sabe se ele estava passando pela área fazendo outro trabalho ou se foi enviado especificamente para examinar a prisão. O que se sabe é que ele não falou com nenhum dos detentos sauditas.

Os recrutas mais espertos pareciam entender por que seus governos não os procuravam. Entretanto, os mais

ingênuos insistiam que mereciam apoio dos seus governos por lutar pelo Islã e ficaram bastante desapontados quando não receberam a ajuda esperada. O Governo da Arábia Saudita tinha pouco interesse em trabalhar para libertar os problemáticos jihadistas e membros da Al-Qaeda das prisões, pois os grupos extremistas se opõem a atual monarquia saudita.

Captura e Detenção

Talvez o choque maior que os jovens enfrentaram fosse a captura e depois a detenção por várias autoridades antes de serem transferidos à custódia dos EUA. Quando presos no Afeganistão ou no Paquistão, os jovens se lembraram do “tratamento duro” durante os interrogatórios e do regime cotidiano. Alguns disseram que às vezes prisioneiros desapareceram do grupo. Não se sabe se esses homens foram soltos, assassinados ou morreram.

O Crescente Vermelho Internacional alertou a ONU que a detenção prolongada prejudica o bem-estar das pessoas, mas as burocracias governamentais são lentas ao classificarem identidades e nacionalidades. Embora pareçam rápidas e com alta tecnologia, o processo de informações reais anda bem devagar.

Uma detenção prolongada em um país estrangeiro era um dos resultados do jihad que nenhum jihadista antecipou. Os recrutadores, treinadores e imãs nos seus *fatwas* (decretos religiosos) falaram de martírio, mas ninguém mencionou o encarceramento. A geração mais

velha tinha omitido a discussão de prisão na preparação dos recrutas para o jihad, pois esperavam que os jovens cumprissem (e vencessem) o jihad por meio do martírio. Mesmo se o jihad perdesse, ainda existiria a chance de alguém tornar-se um mártir pela causa. De fato, um agente secreto da Al-Qaeda (confinado em outro local) falava com ansiedade sobre a oportunidade de martírio que ele perdeu. Porém um prisioneiro? Isso era impensável. Os oradores que conquistavam os jovens com o intento de “defender” o Islã nunca lhes advertiram sobre as dificuldades e durezas do encarceramento.

Reformular o Jihad

A experiência sempre nos afeta, quer as marcas sejam resultado das cicatrizes físicas de ferimentos recebidas no campo de batalha ou das cicatrizes emocionais de separação, perda e morte. As cicatrizes produzidas nas mentes dos jovens encarcerados na Baía de Guantánamo pela experiência de ter vivido algo que nunca lhes foi advertido são profundas. No entanto, é possível que o cativo e o encarceramento transformem mais os soldados jovens do que os mais velhos? Após ser solto, quem seria mais provável levar a cabo uma ação contra os EUA: o jovem jihadista ou os mais velhos?

O mais surpreendente é que um número de jovens detidos já reformulou psicologicamente sua experiência no jihad. Eles agora têm novos parâmetros para se envolverem no jihad. Alguns disseram que se engajariam de novo no jihad, mas só para proteger sua terra natal. Outros declararam que nunca mais participariam do jihad, e ainda outros afirmam que já cumpriram suas obrigações com o Islã e não precisavam fazer mais. Talvez um de cada quatro dos jovens detentos se envolva com o jihad mais uma vez. Entre os homens mais velhos, um maior número parecia menos afetado ou intimidado pelo aprisionamento e constataram que provavelmente voltariam a se engajar no jihad.

O Futuro do Jihad

Contra quem as Forças Armadas dos EUA deverão combater futuramente na Guerra Global Contra o Terrorismo? Uma análise minuciosa dos detidos em Guantánamo fornece uma maior compreensão da men-

talidade que indubitavelmente deveremos enfrentar no futuro. Os homens mais velhos tendem a ser mais radicais e se identificam como extremistas islâmicos, simplesmente porque são mais dedicados nos seus comportamentos e crenças religiosos. Mais freqüente do que os jovens, eles têm mais dificuldades em aceitar qualquer tipo de mudança. Saturados com as radicais crenças islâmicas religiosas, os homens mais idosos são menos prováveis de serem reabilitados, quer dizer, adotar a prática de um Islã mais moderado. Provavelmente vamos vê-los de novo, com idades até mais avançadas, no conflito global.

Por outro lado, os jovens indicam menos rigidez com respeito ao comportamento e à crença. Eles são bem mais lógicos no seu pensamento e claramente mais propensos a aceitar as mudanças. As operações psicológicas planejadas cuidadosamente podem mostrar-lhes o lado escuro e inesperado do jihad e expor as realidades omitidas pelos recrutadores. Embora uma campanha assim talvez não impeça todos os jovens de entrarem nas redes terroristas, uma taxa reduzida do realistamento diminuiria o número total de terroristas — e, quanto menor número de terroristas no mundo, melhor.

Embora os detentos mais jovens tenham reformulado com sucesso seu conceito do jihad e descoberto razões para não lutar de novo, eles também acreditam que é necessário defender a terra natal caso fosse atacada, o que pode explicar a razão pela qual os EUA têm enfrentado tanta resistência no Iraque. Uma vez que um país ocidental se empenha em combater em terreno muçulmano, o jihad muda, tornando-se não apenas a defesa do Islã na vida cotidiana, mas também na defesa do Islã contra um inimigo maior: a corrupção ocidental.

Quando o jihad envolve-se em uma resistência armada contra a civilização ocidental, o homem muçulmano não tem outra escolha além de combater, porque nada no corão ou em qualquer parte da sua estrutura intelectual e emocional permitir-lhe-á recusar a luta. Até que todos os iraquianos aprendam com as experiências dos detentos de Guantánamo e desenvolvam uma maneira de pensar que permita a fidelidade ao corão e preserve as doutrinas do Islã, a guerra civil do Iraque indubitavelmente continuará. **MR**

A Oficial Especialista de 3ª classe do Componente da Reserva Sharon Curcio, é uma analista de inteligência do 368º Batalhão de Informações Militares, em Oakland, Califórnia. Possui o título de Bacharel pela Carnegie-Mellon University e de Mestre pela Washington University, na cidade de Saint Louis, Missouri. Serviu em várias missões no território continental dos EUA, Havaí, Coréia e Cuba.